



CORREIO DE COIMBRA

SEMANÁRIO DA DIOCESE DE COIMBRA | DIRECTOR: A. JESUS RAMOS
ANO XCIV | N.º 4584 | 04 DE FEVEREIRO DE 2016

FRANCISCO AGRADECE AOS CONSAGRADOS
Perante um congresso de 5000 consagrados, o Papa agradeceu-lhes o serviço à Igreja, elogiando em particular o compromisso das mulheres “nos hospitais, nas paróquias, nos bairros, nas missões”.



TERÇAS-FEIRAS, ÀS 21H00 CELEBRAÇÃO PENITENCIAL EM SANTA CRUZ, COM CONFISSÕES

Durante todas as terças-feiras da Quaresma, o Arciprestado de Coimbra Urbana realiza uma celebração penitencial na Igreja de Santa Cruz, com reflexão e confissões.

FORMAÇÃO MAIS INTENSA NA QUARESMA COM PRESTIGIADAS FIGURAS DO PENSAMENTO E DA AÇÃO

Na continuidade de uma longa tradição, os Arciprestados de Coimbra Urbana e Cantanhede já têm programadas as suas Jornadas Quaresmais > Página 2



PADRE PEDRO MIRANDA, VIGÁRIO GERAL É vital a inter-paroquialidade

Ouvir o Padre Pedro Carlos Miranda é uma decisão desde o dia em que tomou posse como Vigário Geral da Diocese, mas exigia o bom senso que lhe dessemos primeiro tempo de respirar..., e de fazer a sua experiência pessoal do cargo. Cumprimos agora essa obrigação. Com muitos motivos à vista, entre os quais, o novo “Regulamento da Administração dos Bens da Igreja na Diocese de Coimbra”. > páginas 3 a 5

ENFOQUE CARLOS NEVES

Fasquia elevada

A Mensagem para a Quaresma do Papa Francisco eleva a fasquia penitencial. Sem menosprezar, antes pelo contrário, a necessidade de conversão de cada um de nós, que não sendo dos melhores, também por certo não somos dos piores, Francisco dirige-se indistintamente aos soberbos, ricos e poderosos que permanecem sempre em perigo de acabarem “por se condenar precipitando-se eles mesmos naquele abismo eterno de solidão que é o inferno”. Perigo derivado de um “fechamento cada vez mais hermético” a Cristo-pobre, esse Cristo toldado pelo “soberbo delírio de onipotência” que também “pode assumir formas sociais e políticas”, manifestas hoje nas “ideologias do pensamento único” e “nas estruturas de pecado ligadas a um modelo de falso desenvolvimento fundado na idolatria do dinheiro, que torna indiferentes ao destino dos pobres as pessoas e as sociedades mais ricas”.

Com a Mensagem para a Quaresma – não tivéssemos corrido o risco de não o ter entendido ainda – Francisco dá ao ano da Misericórdia um cunho marcadamente social, re-elevando a fasquia profética inerente à própria palavra “misericórdia” para a denúncia de uma ordem vigente no mundo que não é querida por Deus. Não se trata, é importante dizê-lo, de uma denúncia fundamentada na miséria sociológica, mas sim na misericórdia de Deus. Quer dizer, não é uma denúncia assente no relativismo de uma discussão académica ou política sobre a produção e distribuição da riqueza, mas assente no absoluto da misericórdia de Deus que exige uma resposta da consciência de cada um e de todos perante, cito, “o mistério inaudito e escandaloso do prolongamento na história do sofrimento do Cordeiro Inocente”. E o Papa repete o aviso de Cristo: «Têm Moisés e os Profetas; que os ouçam!».

Por isso, se quiséssemos fugir ao politicamente correto de dizer que os destinatários da mensagem quaresmal do Papa Francisco são todos os católicos (quem não o dirá?!), poderíamos dizer (e por que não?!), que os destinatários são, volto a citar, “os soberbos, os ricos, os poderosos”, confessem-se eles e elas católicos, ateus ou animistas. Em todo o caso, a coisa é mais densa para os cristãos, pois estão avisados de que Deus prefere a misericórdia ao sacrifício. Soberba, riqueza e poder, a trilogia demoníaca que faz sofrer o coração de Deus, e que demarca o verdadeiro campo de batalha para os cristãos: por eles e por todos os espezinhados. A levar a sério a Mensagem da Quaresma, o nosso grande pecado, nosso, dos bons católicos militantes, é pensar o pecado em termos de ninharias e não alinharmos decididamente o nosso discurso com esta Mensagem de Francisco.

Diocese

RETIRO DIOCESANO NA QUARESMA
Orientado pelo Padre António
Santana, na Casa de Retiros de
Penacova, de 12 a 14 de fevereiro

Mais informações através de: casa.retiros.penacova@gmail.com



13 de fevereiro, no Carmelo de Coimbra Memórias infantis da Irmã Lúcia

No dia 13 de fevereiro, o Carmelo de Santa Teresa de Coimbra evoca o 11º aniversário da morte da Irmã Lúcia com o lançamento de um livro, às 15.00h, sobre a sua infância (Biografia infantil da Irmã Lúcia), com conferência da autora, Thereza Ameal, e da Vice Postuladora Irmã Ângela Coelho. O livro permite não só conhecer facetas surpreendentes da personalidade da irmã Lúcia, mas também acompanhar o essencial das muitas etapas da sua longa vida. Às 17.00h será celebrada a Eucaristia, presidida pelo Senhor Bispo, D. Virgílio Antunes.

Confraria da Rainha Santa Isabel e Paróquia de Santa Clara Ciclo de conferências sobre as obras de misericórdia

A Confraria da Rainha Santa Isabel irá organizar, durante 5 sábados, de 6 de fevereiro a 5 de março, às 17h30, um “Ciclo de conferências sobre as obras de misericórdia”, em colaboração com a Paróquia de Santa Clara. As sessões terão lugar nas instalações da Confraria, no Mosteiro de Santa Clara-a-Nova.

6 de fevereiro (Pe. Vítor Melícias)

“Dar de comer a quem tem fome - Dar de beber a quem tem sede - Vestir os nus - Dar pousada aos peregrinos”

13 de fevereiro (Cón. Alberto Lopes Gil)

“Assistir aos enfermos - Visitar os presos”

20 de fevereiro (Prof. Doutor Manuel A. Rodrigues)

“Dar bom conselho - Ensinar os ignorantes - Corrigir os que erram”

27 de fevereiro (Prof. Doutor Henrique Vilaça Ramos)

“Consolar os aflitos - Perdoar as injúrias - Sofrer com paciência as fraquezas do nosso próximo”

5 de março (Prof. Doutor António Rebelo)

“Enterrar os mortos - Rogar a Deus por vivos e defuntos”

Pastoral familiar

Encontro de formação de animadores arceprestais

No próximo dia 13 de fevereiro, das 15h00 às 19h00, na Casa de Santa Zita, em Coimbra, vai realizar-se o II Encontro de formação dos casais animadores arceprestais da pastoral familiar, promovido pelo Secretariado Diocesano da Pastoral Familiar (SDPF).

Estes casais animadores, funcionando como elo de ligação com o SDPF, têm como principal função dinamizar a pastoral familiar a nível do arceprestado, em conjugação com o pároco animador arceprestal, também já eleito em praticamente todos os arceprestados.

Pastoral socio caritativa

Cáritas prepara peditório nacional

A Cáritas Diocesana de Coimbra já está a preparar o seu peditório anual, integrado no programa do Dia Cáritas, que este ano se celebra a 26 de março (fixado pela Conferência Episcopal Portuguesa no 3º domingo da Quaresma). O peditório público, nos dias 23 a 26, tem como motivo de campanha a frase “Quanto vale uma moeda para quem precisa”. Este slogan está a ser trabalhado pelos diversos equipamentos da Instituição e a ser objeto de grande difusão e sensibilização através das redes sociais.

Cáritas Diocesana

Desfile de carnaval de utentes vai encher Coimbra

O Desfile de Carnaval da Cáritas Diocesana de Coimbra, que se irá realizar no próximo dia 8 de fevereiro, na baixa de Coimbra, prevê a participação de cerca de 1200 pessoas. Este evento, que marca a tradição carnavalesca da cidade há 5 anos, vai reunir as crianças dos Centros de Atividades de Tempos Livres (CATL) e os idosos das Estruturas Residenciais e Centros de Dia da Cáritas sob a temática das Profissões, promovendo o convívio entre gerações e presenteando os cidadãos da cidade com um animado corso.

PEREGRINAÇÃO JUBILAR DO ANO SANTO

Coimbra Urbana em jornada de misericórdia



O Arciprestado de Coimbra Urbana realizou no dia 31 de dezembro a sua Peregrinação Jubilar, com celebração penitencial às 15.00h em Santa Cruz, seguida de celebração mariana na Sé Velha e passagem pela Porta Santa na Sé Nova, terminando com a Eucaristia pre-

sidida pelo Bispo de Coimbra, D. Virgílio Antunes.

Toda a peregrinação foi um belíssimo momento de celebração, pela dignidade com que decorreu e pelo grande número de participantes, estando todos os três templos completamente cheios de fiéis.

CONFERÊNCIAS QUARESMAIS

Arciprestados aprofundam o Reino da Misericórdia

As conferências quaresmais do Arciprestado de Cantanhede e Mira e da Paróquia de S. José, em Coimbra, vão ter como tema central a Misericórdia.

O auditório do centro paroquial de Cantanhede vai receber no próximo dia 12 de fevereiro, pelas 21 horas, D. Virgílio do Nascimento Antunes que abordará o tema “Percurso Bíblico sobre a Misericórdia”. No dia 26 de fevereiro, caberá ao bispo emérito

de Setúbal, D. Manuel da Silva Martins falar sobre as “Obras de Misericórdia”.

O Pe. Carlos Carneiro, diretor do Centro de Reflexão e Encontro Universitário de Inácio de Loyola (CREU-IL), no Porto irá debruçar-se, no dia 11 de março, sobre o “Sacramento da Misericórdia”.

Na paróquia de S. José, as conferências quaresmais que têm como tema central “Misericórdiosos como o Pai”, iniciam-se no dia 18 de fevereiro com o Pe.

Na sua homilia, D. Virgílio Antunes, depois de considerar que a Peregrinação já era “em si mesma um sinal de fé em Deus Santíssima Trindade, em Jesus Cristo Salvador e na Igreja mediadora de salvação”, tomou para desenvolvimento da sua mensagem três expressões das leituras da liturgia do dia: “antes que te formasses no seio da tua mãe, eu te escolhi”; “se não tiver caridade, nada sou”; “ninguém é bom profeta na sua terra”. Mas é mesmo na nossa terra, disse D. Virgílio, que somos chamados a ser profetas do amor, da caridade e da misericórdia de Deus, chamados a ser evangelizadores, sendo esse o grande desafio que nasce da peregrinação jubilar. Para isso é necessário tomar consciência de que precisamos de acolher a misericórdia de Deus, pois se não a acolhermos, e não a vivermos em relação aos irmãos, parafraseando S. Paulo, “nada somos, soamos a oco”. E podemos acolher e viver a misericórdia de Deus, porque Ele no-la deu desde toda a eternidade, “antes que fôssemos gerados no seio da nossa mãe”.

António Vaz Pinto, fundador do Banco Alimentar Contra a Fome. Dia 25 de fevereiro caberá a Catarina Martins Bettencourt partilhar a sua experiência enquanto presidente da Fundação Ajuda à Igreja que Sofre. No dia 3 de março, o Padre João Gonçalves virá a Coimbra falar da sua experiência de assistência espiritual nos estabelecimentos prisionais. No dia 10 de março, o provedor da Santa Casa da Misericórdia de Coimbra, Armando Porto, abordará o tema “Misericórdias, 500 anos de prática da Misericórdia”. Por fim, as Conferências Quaresmais encerram com o Bispo de Lamego, D. António Couto, que apresentará o tema “Deus da Misericórdia na Bíblia”.

ENCERRAMENTO DO ANO DA VIDA CONSAGRADA

Vigília congrega grande diversidade de carismas



O Senhor Bispo presidiu ao encerramento diocesano do Ano da Vida Consagrada, no dia 1 de fevereiro, na

Igreja do Carmelo, em vigília de vésperas da festa da Apresentação de Jesus no Templo (Dia do Consagrado). Participaram as di-

ferentes ordens religiosas e institutos seculares que concretizam na área geográfica da diocese de Coimbra a enorme variedade de dons e carismas com que o Espírito Santo alimenta a Igreja pelos serviços do ensino, da saúde, do testemunho da pobreza, da direção espiritual, do louvor contemplativo, da regeneração dos marginalizados, da atividade profissional cunhada pela fé, da pregação, da missão ad gentes...

A vigília dividiu-se em três partes: chamados a fixar o olhar na misericórdia, consagrados na misericórdia e enviados a ser apóstolos da misericórdia. Foi um tempo de oração marcado sobretudo pelos cânticos, salmos, leituras bíblicas, silêncio, com uma palavra muito breve do Senhor Bispo para agradecer aos consagrados o seu testemunho de amor à Igreja e exortá-los à fidelidade à vocação, porque é isso que Deus, a Igreja e o mundo esperam de cada um dos consagrados.

CORREIO DE COIMBRA

PROPRIEDADE
Seminário Maior de Coimbra
Contr. n.º 500792291 | Registo n.º 101917
Depósito Legal n.º 2015/83

DIRETOR
A. Jesus Ramos (T.E. 94)

DIRETOR ADJUNTO
Carlos Neves (T.E. 1163)

ADMINISTRAÇÃO
Communis Missio - Instituto Diocesano de Comunicação

REDAÇÃO
A. Jesus Ramos

PAGINAÇÃO
Frederico Martins

IMPRESSÃO E EXPEDIÇÃO
FIG - Industrias Gráficas, S.A.

REDAÇÃO E ADMINISTRAÇÃO:
Correio de Coimbra - Seminário Maior de Coimbra
Rua Vandelli, 2 | 3004-547 COIMBRA
redacao@correiodecoimbra.pt
Telef. 239 792 344

ASSINATURAS
assinaturas.jornal@gmail.com

SUPLEMENTO
suplemento@correiodecoimbra.pt

PREÇO DAS ASSINATURAS
Anual | 30 € Amigo | 35 €
Benfeitor | 40 € Paróquia | 20 €

TIRAGEM
5000 exemplares

COLABORADORES
Os artigos de opinião são da responsabilidade dos seus autores.



DIA DIOCESANO DO ACÓLITO
Seminário Maior de Coimbra,
dia 20 de fevereiro, 10h às 17h
Almoço Partilhado

Igreja a caminho

CONVIDADAS TODAS AS IPSS DA ÁREA DIOCESANA

Festas da Rainha Santa com Procissão da Misericórdia

Perante os inúmeros pedidos de informação de particulares, agências de turismo e de entidades oficiais, que têm chegado à Confraria da Rainha Santa Isabel, a Mesa decidiu antecipar a divulgação de um programa provisório mínimo, essencial, com indicação das celebrações religiosas mais relevantes.

Espiritualidade

1 a 13 de julho - 9h às 19h30
Exposição da mão da Rainha Santa
1 a 3 de julho - 21h30
Tríduo preparatório com a Santa Missa ou Vésperas e pregação

Dia da Festa - 4 de julho

11h00 - Missa solene
16h30 - Missa da Real Ordem de Santa Isabel, com a presença de S.A.R. os Senhores Duques de Bragança.

Procissões

Procissão de Penitência - 7 julho
Missa às **18h**, no adro da igreja da Rainha Santa Isabel seguida da Procissão Penitencial para a igreja de Santa Cruz. Chegada à Portagem cerca das **22h**, onde haverá saudação e cântico, seguindo-se um espectáculo de pirotecnia.

Procissão Jubilar da Misericórdia - 9 julho
19h - Procissão, a partir da igreja de Santa Cruz para a Sé Nova.

Procissão Solene - 10 julho

15h - Missa presidida pelo Senhor Bispo de Coimbra seguida da procissão solene para o Mosteiro de Santa Clara-a-Nova. À chegada à igreja da Rainha Santa, haverá breve alocução pelo Senhor Bispo de Coimbra e bênção com o Santo Lenho.

Na Procissão Jubilar da Misericórdia estão convidadas a participar, ou a fazer-se representar com as suas bandeiras, todas as instituições de solidariedade social da Diocese de Coimbra, incluindo centros sociais, mesmo sem serem católicas. Portanto, a todas as instituições de apoio social à família, crianças e jovens, idosos, IPSS ou outras equivalentes, que não estejam reconhecidas como tais, mas que prestem o mesmo tipo de serviços na Diocese de Coimbra, a Confraria da Rainha Santa Isabel solicita que enviem um pedido formal de participação.

DECLARAÇÃO DE MARRAQUEXE

Sábios do Islão pedem liberdade religiosa

No dia 27 de janeiro um grupo de eminentes estudiosos do Islão, reunidos em Marraquexe, assinaram um apelo ao desenvolvimento dos direitos de cidadania nas sociedades islâmicas, através de um quadro jurídico que garanta, entre outros bens, a liberdade religiosa para todos, tal como já era consignada há 1400 anos na Carta de Medina, pelo próprio profeta Maomé. A Declaração de Marraquexe afirma que é “inconcebível usar a religião para atacar os direitos das minorias religiosas nos Países muçulmanos” e pede aos estudiosos e aos políticos uma evolução educacional, cultural e legal para mudar as mentalidades e combater a “patologia” do terrorismo.



Regulamento dos bens da Igreja

Pedro Carlos Miranda

A Igreja, para cumprir diligentemente a sua missão, possui e deve administrar prudentemente os seus bens materiais segundo os mais exigentes princípios da justiça e da honestidade para com todos os fiéis que na sua generosidade e solicitude contribuem materialmente para a mesma missão.

Neste âmbito da vida de comunidade e missão eclesial, a co-responsabilidade assume de forma espontânea e natural uma relevância plenamente equivalente àquela que assume em qualquer outro âmbito.

A diocese de Coimbra dispunha já de textos normativos sobre as várias áreas da administração que respeitam os princípios fundamentais da administração dos bens temporais exarados no Código de Direito Canónico de 1983 e concretizados na vária legislação particular dele decorrente, mas que foram sendo elaborados e promulgados por sucessivos bispos diocesanos à medida das exigências históricas sucessivas em resposta à reforma conciliar e canónica consequente.

O aprofundamento da co-responsabilidade fazia sentir a necessidade de um único estatuto abrangente e articulado de todas as áreas da vida administrativa da Igreja diocesana, de modo a facilitar a sua consulta e utilização por parte dos administradores e/ou conselheiros das várias pessoas jurídicas da diocese sempre em inter-relação.

A rápida evolução da geografia humana e da relação entre número de paróquias e sacerdotes, bem como a oportuna reestruturação do atendimento pastoral, quer do ponto de vista territorial, quer do ponto de vista da pastoral especial, nomeadamente com a crescente instalação do modelo das unidades pastorais e com a reforma dos arceprebendados, e ainda as alterações significativas do estatuto fiscal e de segurança social, quer dos sacerdotes, quer das pessoas jurídicas da Igreja, vinham também fazendo notar aspectos pontuais a precisar de actualização.

Depois de longa consulta e trabalho conjunto do Conselho Presbiteral que, dentro da sua missão e competências (cf. Cânones 495 e 498 §2), o elaborou, discutiu, aprovou e propôs ao Sr. Bispo, foi então aprovado

e mandado publicar o novo Regulamento da Administração dos Bens na Diocese de Coimbra, que passa a reunir em si, mas também a substituir revogando-a, toda legislação diocesana dispersa antes publicada, respeitante às áreas agora contempladas. Organiza-se em cinco partes: Normas Gerais, Bens e Instituições Administrativas da Diocese, Bens e Instituições Administrativas da Paróquia, Bens Temporais da Igreja ao serviço do Clero e Disposições Finais.

Para dentro da Igreja, um regulamento como este significa a expressão da comunhão eclesial ao nível do que mais custa, a encarnação do espírito no âmbito do uso dos bens materiais, mesmo que se reconheçam falhas nos meios escolhidos para alcançar tal objectivo e, portanto, se deva estar sempre disposto a colaborar para introduzir correcções e melhorias e não a relativizar o seu cumprimento.

Está em causa a promoção da transparência e da lealdade para com os fiéis que, pela partilha generosa ou por normas emanadas da autoridade, contribuem materialmente para a vida e acção da Igreja.

Para fora da Igreja, o estudo e cumprimento deste regulamento garante

o seguinte: a validade e eficácia civil dos nossos actos jurídicos exigidos pela administração depende da sua correcção canónica, isto é, da sua validade e eficácia canónica. O exemplo com que mais lidamos é o casamento, de cuja correcção canónica depende a validade civil; mas há muito mais. Todos os actos jurídicos mais pesados, necessários à administração dos bens, que queremos que tenham eficácia civil, tem que ser canonicamente correctos. Assim, tanto os administradores e conselheiros das pessoas jurídicas da Igreja devem conhecê-lo, como diversas instâncias e agentes civis, por exemplo: notários, gerentes bancários, conservadores, advogados e solicitadores, etc.

O novo regulamento entrará em vigor cinco meses após a data da publicação, para que se possa apresentar, ser estudado e esclarecido quer pelo clero em geral, quer pelos conselheiros que auxiliam os administradores das pessoas jurídicas da Igreja Diocesana.



TRÁFICO HUMANO

Consagradas coordenam o combate

As consagradas que se associaram, através da rede Internacional Talitha Kum, no Combate ao tráfico de pessoas humanas reuniram em Roma a partir de 25 de janeiro, no seu segundo encontro de coordenação internacional, com três tempos (e lugares) distintos: de 25 a 27 partilharam experiências de trabalho no sentido de implementar novas estratégias no futuro. A partir do dia 28, passaram para a Academia Pontifícia das Ciências, no Vaticano, para ouvirem e aprenderem com peritos e representantes de outras organizações eclesiais que trabalham no domínio do tráfico de seres humanos. Por fim, até ao dia 2 de fevereiro, integraram-se no grupo dos institutos seculares que participam do encontro mundial do encerramento do ano da Vida Consagrada.

Ocorrerá dizer que no dia 8 de fevereiro se celebra o Dia Mundial de Oração e Consolidação contra o tráfico.

CARDEAL DE WESTMINSTER LANÇA AVISOS

Adolescentes vulneráveis ao recrutamento do ISIS



O Cardeal-Arcebispo de Westminster, Dom Vincent Gerard Nichols, alertou os professores católicos ingleses da Associação de Professores, Escolas e Colégios e do

Serviço de Educação Católica sobre a facilidade de recrutamento de jovens britânicos pelo Estado Islâmico, dada a vulnerabilidade da adolescência, marcada pela ingenuidade, isolamento, e perdas de valores. Para Dom Vincent, os educadores católicos devem ter a coragem de propor aos jovens uma finalidade cristã atraente e autêntica, que deve incluir o cultivo de um relacionamento com Jesus e o desenvolvimento de um senso de vocação cristã.

PUB

Há mais de 35 anos,
Gerimos os Seguros da sua Família, Associação, Centro Social ou Empresa;

Esperamos por si!
Contacte-nos!

SA PEREIRA DO LAGO
CORRETORES DE SEGUROS

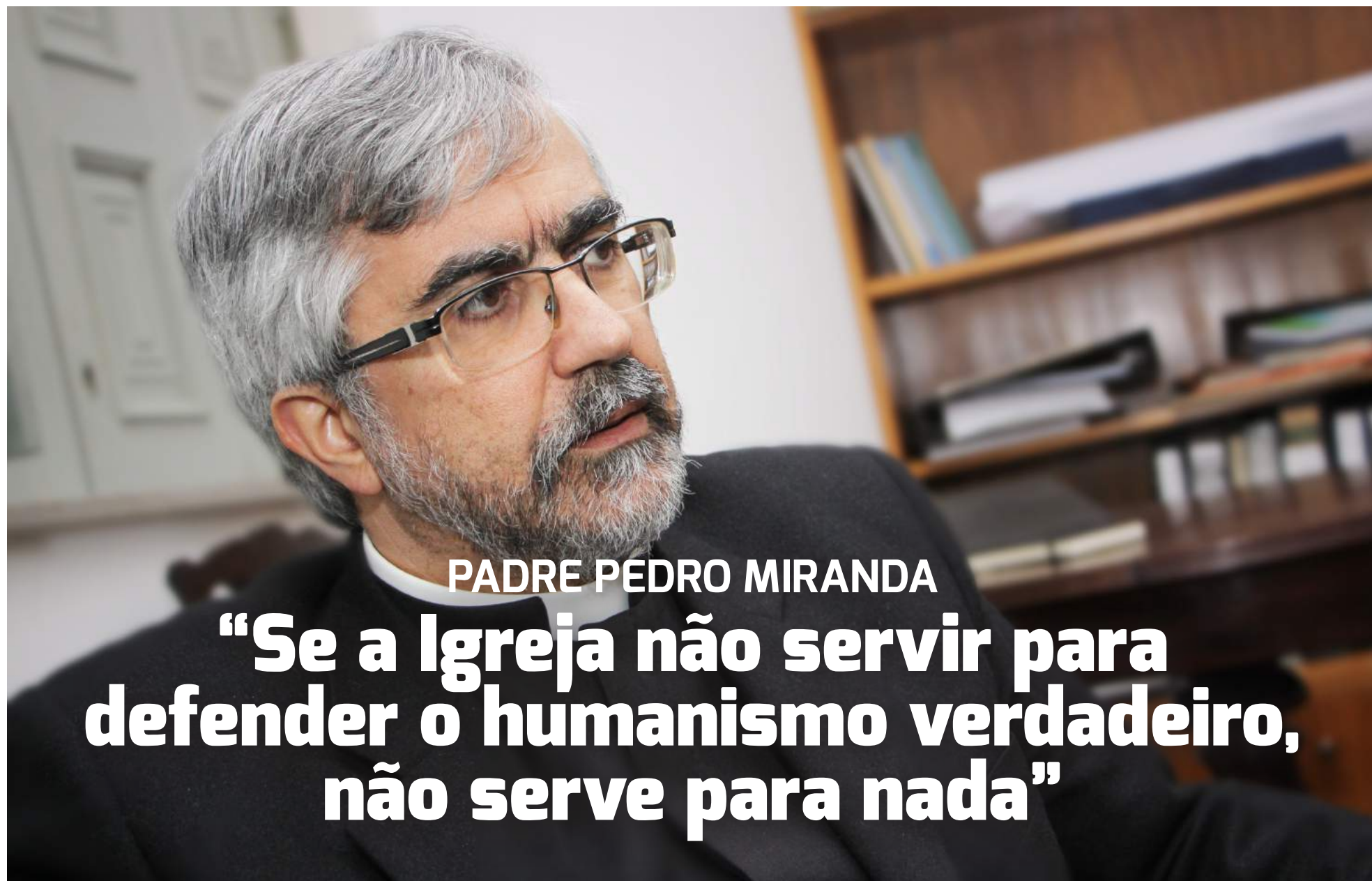
GRUPO REGO
INSURANCE SOLUTIONS

Av. Fernão de Magalhães,
136, 2o - sala Q, 3000-171 Coimbra
Tel. +351 239 851 810 - Fax +351 239 851 819
geral@spl.pt

4 Grande Plano

“O cuidado pela integridade da fé e da moral é uma tarefa delicada. Para cumprir esta missão é necessário o empenhamento colegial.”

(Papa Francisco aos membros da Congregação para a Doutrina da Fé)



PADRE PEDRO MIRANDA

“Se a Igreja não servir para defender o humanismo verdadeiro, não serve para nada”

O cargo de Vigário Geral tem essa característica de apagar aos olhos do grande público a pessoa que o exerce e, quando bem exercido, essa outra característica de não se fazer notar, pela normalidade da vida que sabe garantir ao quotidiano da Diocese. E logo, por isso, percebemos que a pessoa e o cargo são fundamentais! Então, o que pensa o nosso Vigário Geral do cargo, da vida diocesana, da Igreja, do mundo?

CORREIO DE COIMBRA

O Senhor Padre Pedro é o Vigário Geral da Diocese. Qual é o papel do Vigário Geral?

PADRE PEDRO MIRANDA

O Vigário Geral, que o Direito da Igreja prevê que todos os Bispos tenham, é aquele que age na diocese numa união completa com o Bispo de modo a fazer quase tudo o que o Bispo faz mas que, não o podendo fazer, tem que fazer por outrem. O Bispo é o responsável último por tudo na diocese: pela catequese, pela liturgia, pela pregação, pela caridade, pela administração dos bens... Mas, sendo o último responsável, naturalmente não pode fazer tudo e, por isso, tem um Vigário, isto é, aquele que está nas vezes dele, e que, por via da nomeação para o ofício, recebe jurisdição, isto é, poder, com a mesma abrangência, com as mesmas fronteiras das do Bispo para fazer na vez dele quase tudo aquilo que ele faz mas que não pode fazer ele mesmo.

Então, o Vigário Geral sente-se suficientemente livre para pensar e agir “pela sua própria

cabeça” ou sente-se constrangido a pensar e agir “pela cabeça do Bispo”?

Ele é vigário do Bispo. Recordo-me de que no encontro que tive com o senhor Bispo, em que aceitei a nomeação que ele me apresentava, lhe disse: “Senhor Bispo, temos muito que conversar porque eu quero ser seu vigário..., não quero ser vigário de mim mesmo!” Ele disse-me: “Não se preocupe, vamos sempre falando; e na vida, em conjunto, vamos vendo as coisas”. Para as coisas do dia-a-dia, há um grande sustento que é o seguinte: o Bispo é, de facto, o responsável, mas ele também tem que agir segundo o Direito. Portanto, eu agindo segundo o Direito, com os poderes que a nomeação para o ofício me confere, posso fazer muitas coisas sem estar a perguntar uma a uma ao senhor Bispo como é que vou fazer... Para coisas mais delicadas e mais substanciais, procuro naturalmente conversar com o Senhor Bispo. Muitas vezes, informalmente, vou-o colocando a par dos assuntos e vou colhendo as suas impressões e

disposições, e outras vezes, embora sejam casos raros, digo no meu íntimo: “bom, tenho que perguntar ao senhor Bispo”.

Falou várias vezes no Direito canónico. Numa altura em que se fala tanto de evangelização, nova evangelização, misericórdia, pequenas comunidades de fé..., o Direito canónico não soa um pouco fora da época?

De modo nenhum. Antes pelo contrário. E porquê? O Direito canónico tem algumas fontes em comum com todo o direito, qualquer que ele seja, nomeadamente o Direito natural, isto é, os valores morais inscritos na razão humana, aquilo que nós tiramos da cabeça, da inteligência, para distinguirmos entre o bem e o mal... Tudo isso faz parte do direito canónico, que depois tem também o acréscimo, o suplemento – que, para nós, é importante e decisivo – de que Deus assina por baixo. Para um jurista civil isso não está em causa; mas para nós, cristãos, aquilo que a nossa inteligência é capaz de distinguir entre bem e mal, com o auxílio da revelação divina, da mensagem bíblica, é

assinado por baixo por Deus, embora seja património comum a qualquer pessoa.

Depois, há os dados da revelação bíblica especificamente. Por exemplo, o Direito à volta dos sacramentos, que normaliza a administração dos sacramentos e do seu significado na vida eclesial, é uma coisa que não tem nada a ver com o direito civil, que deriva exclusivamente da fé da Igreja e da sua vida. Mas, com toda esta composição de umas partes que são comuns a todo e qualquer Direito e outras partes que resultam da vida de fé da Igreja, o Direito canónico tem uma missão que é assimilável, de algum modo, à missão de todo o Direito, que é humanizar. A vida da Igreja precisa do direito para ser, humanamente, de qualidade. Se na Igreja valer tudo – porque “temos todos a inspiração do Espírito Santo”, porque “somos todos baptizados”, porque “não precisamos de regras, normas, punições” – se valer tudo, por consequência não nos damos ao respeito, não temos credibilidade. Daqui resulta portanto que o Direito é intrinsecamente pastoral e evangelizador.

A Diocese de Coimbra é muito “complicada” em termos de conflitualidade?

Quando eu vim para este ofício, ouvi muitas vezes os meus colegas dizerem-me para eu treinar o fígado para dirimir conflitos, para resolver questões com os padres, problemas das paróquias, por aí fora. É verdade que isso faz parte, mas não tem sido assim um ritmo avassalador!

Mas presumo que haja algumas situações mais comuns em que o Vigário Geral é chamado a “apagar fogos”...

Há algumas, sobretudo alguns diferendos entre os fiéis e o pároco, em que os fiéis resolvem recorrer à instância superior. Mas, aí, eu não faço mais do que aquilo que já estava habituado a fazer: sempre fui pároco e sempre procurei resolver os problemas sem ter que os mandar para a instância seguinte. De modo que resolvo esses problemas como sempre resolvi, embora agora esteja numa posição de segunda instância. Há alguns casos – os candidatos a padrinhos de baptismo que não têm condições

“O «hoje» proclamado por Cristo naquele dia [na sinagoga de Nazaré], é para todos os tempos; ressoa para nós, hoje, nesta praça, lembrando-nos da relevância e da necessidade da salvação trazida por Jesus à humanidade.”
(Papa Francisco, Ângelus, 31 de janeiro)

para o ser, baptiza não-baptiza, coisas desse género, há. Agora, conflitos institucionais, entre diferentes instituições da Igreja, por exemplo entre paróquias e centros sociais, ou entre estes e as misericórdias..., não, graças a Deus, não tem havido novos.

Falou nos Centros Sociais, que pela via estatutária e pastoral lhe passam muito pelas mãos. Que leitura faz, neste campo, “do estado das coisas”?

Do ponto de vista da relação dos Centros Sociais com as paróquias, donde eles emanam, a “paisagem” é globalmente boa, há uma relação positiva entre as paróquias e os Centros Sociais que elas causaram, que elas fizeram vir à existência. Há, normalmente, uma relação boa e de proximidade. Aliás, até para não desperdiçar esse “capital” que já vinha de trás, nesta reforma recente dos estatutos houve a preocupação de reforçar a relação entre os Centros Sociais e as estruturas de corresponsabilidade das paróquias. Os centros Sociais dependem dos órgãos de corresponsabilidade das paróquias.

Do ponto de vista económico, surge aqui ou acolá algum caso que pode suscitar alguma preocupação. Não sei quantificar, nem em percentagem, mas haverá – e já tive oportunidade de o ouvir do senhor Diretor Regional da Segurança Social – haverá um certo número de Instituições de Solidariedade Social, pequenas, que a médio prazo começarão a sentir dificuldades de sobrevivência pela sua pequena dimensão. Será um problema que se pode resolver pela cooperação entre elas, pela interligação, de modo a que rentabilizem as suas estruturas, os seus serviços, as suas valências... Há um caso ou outro em que já estão com um pouco mais de dificuldade, mas globalmente neste momento o panorama ainda inspira alguma confiança e alguma estabilidade.

Um aspecto que me preocupa mais é o daqueles Centros que têm valências relacionadas com a infância. Preocupa-me sob dois pontos de vista: um deles, meramente económico e financeiro, que é o daqueles que têm só esta valência terem muita dificuldade em sobreviver. Quando o mesmo Centro tem mais valências, de idosos, normalmente consegue-se gerir melhor. Se há só uma valência de infância, é muito difícil.

Mas há um aspecto muito mais importante e profundo, que é o seguinte: as valências com crianças têm um papel muito importante na formação das pessoas, dos futuros jovens e adultos. Ora, aí é que eu penso que temos menorizado bastante a identidade católica destas Instituições. Geralmente, a formação das educadoras de infância é uma formação completamente estranha à cultura católica, cristã. Por isso, os projetos pedagógicos das nossas creches e infantários são normalmente duma pobre-

za muito grande em identidade cristã— que não tinha que ser catequese, de modo nenhum!—, mas que fossem projetos pedagógicos que só de a gente ver os títulos e um pequeno desenvolvimento pudesse concluir: “estamos em presença de uma Instituição que está inserida numa comunidade cristã”. Isso não se vê; é zero, praticamente, quase zero. Eu, enquanto pároco, só tive oportunidade de ser responsável por um Centro Social nos dois últimos anos, em Lorvão, que também tinha creche. E interessei-me, logo à partida, por conhecer o projeto pedagógico. Agora, faço questão de os ler todos (porque as Instituições devem enviá-los), e a ideia com que fico é que a identidade não se vê, não está marcada. Dá a impressão de uma visão de “serviço público” – porque isso também faz parte do trabalho destas valências – um bocadinho contaminada com a ideia de um certo secularismo e laicismo que leva a que não só as educadoras de infância, mas também as Direções, pensem que – porque prestam um serviço público – têm que “desinfetar aquilo” das nossas marcas de identidade! O que não é verdade, porque as Leis de Base que regulamentam as Instituições Particulares de Solidariedade Social e esta atividade de parceria privada com o Estado garantem o chamado “princípio da autonomia”, que garante às Instituições o direito de exercerem a sua atividade dentro do seu quadro axiológico. A impressão geral que colho é que não pomos isso a render, de modo nenhum. Provavelmente, porque também não temos escolas que formem os profissionais da educação dentro de uma mundividência explicitamente cristã.

Parece que no Estado de Alberta, no Canadá, nas escolas já não se pode referir “pai” e “mãe” e outras coisas que vão por aqui... Que leitura moral faz da sociedade em que estamos a viver?

Essa inversão cultural a que se referiu, e que já está muitíssimo disseminada, consiste basicamente nisto: se uma coisa passou a ser doutra maneira, isso quer dizer que, de facto, passou a ser doutra maneira; o que passou a ser, e que vem a seguir àquilo que nós antes conhecemos, é como que uma fatalidade. Se agora é assim, mesmo que antes não o fosse, quer dizer que agora é assim, e pronto, ninguém se questiona. Isso é uma inversão cultural que se dissemina pela mentalidade das pessoas, lentamente mas de forma muito consolidada, até se transformar em dogma a que não se pode resistir. Isso é um grande obstáculo, sem dúvida, à germinação da fé cristã. Mas porque é obstáculo, e obstáculo também a um verdadeiro humanismo, então a evangelização tem que se fazer com a consciência lúcida de que se faz contra uma barreira, que é essa. E o maior contributo que a

Igreja e os cristãos podem dar é o de romper essas barreiras, porque elas, ao mesmo tempo que são barreiras à evangelização, são barreiras a um verdadeiro humanismo. Ceder ao princípio de que aquilo que mudou mudou para bem, ou mudou não interessa para onde, se para bem ou para mal – a ausência completa de espírito crítico em relação à mudança – impede o humanismo verdadeiro.

Sob este ponto de vista, da inversão cultural, que leitura faz do pontificado do Papa Francisco?

Os grandes meios de comunicação social, em massa, têm uma técnica que é comum a essa inversão cultural em marcha, e que é a seguinte: uma coisa repetida muitas vezes passa a ser verdade. Uma determinada afirmação feita massivamente produz uma verdade consensual. “Há hoje um consenso geral em que...” – volta e meia ouvimos isto! Ouve-se isto tantas vezes que passa a ser verdade para a massa acrítica da população. Os meios de comunicação social são o grande instrumento dessa inversão cultural. E, por isso, eles captam do Papa Francisco uma ou outra afirmação, que em termos de valor magisterial é nulo – baixíssimo, porque são afirmações feitas em entrevistas de ocasião, afirmações que não foram suficientemente buriladas para não serem equívocas ou ambíguas –, mas é nisso que eles pegam, para dar a impressão de que até o Papa está alinhado, digamos, com essa inversão cultural. Mas, mesmo nas conversas informais, são muito mais os casos em que o Santo Padre põe os nomes verdadeiros nas coisas e se limita a ser intérprete com a autoridade da fé e da doutrina da Igreja, mas esses não são os badalados, os conhecidos. O Santo Padre tem um estilo e carisma que atrai as pessoas que andam na periferia da Igreja, é um facto, mas muitas vezes é usado pelos inimigos da fé cristã. Ele próprio já se queixou disso. Quanto ao mais, não tenho nenhuma razão para duvidar de que ele esteja mais do que bem intencionado e de que, com certeza, está a acrescentar à missão da Igreja o que só ele pode acrescentar com aquilo que é intrínseca e irrepetivelmente seu.

Um exemplo muito ilustrativo e genial, aliás: esta intuição do Ano Santo da Misericórdia. Muito bem caçado, porque, por um lado, ano santo da misericórdia é uma redundância, porque todos os Anos Santos são da Misericórdia. O Ano Santo é ano de Misericórdia! Agora, criar um ano santo extraordinário para a Misericórdia é algo muito certo, porque só se torna sensível à misericórdia quem sentir culpa. E uma das grandes doenças do nosso tempo, já o Papa Bento XVI o dizia, é a falta de sentido da culpa. Claro, Deus nos livre dos escrúpulos!, que são patológicos; mas também uma total ausência do sen-



Dá a impressão de uma visão de “serviço público” – porque isso também faz parte do trabalho destas valências – um bocadinho contaminada com a ideia de um certo secularismo e laicismo que leva a que não só as educadoras de infância, mas também as Direções, pensem que – porque prestam um serviço público – têm que “desinfetar aquilo” das nossas marcas de identidade!

tido de culpa é uma deficiência, uma deformação. O Ano Santo da Misericórdia, sendo uma redundância, é um tiro muito certo porque um dos grandes défices do nosso tempo é o défice do sentido da culpa.

Estamos a falar no contexto da publicação recente de um “Regulamento dos Bens Económicos da Igreja na Diocese de Coimbra”. A relação da Igreja com o dinheiro – do centro até à última das paróquias – está assente numa boa catequese de fundo, ou há aqui coisas também a limar?

Há coisas a limar. Tudo isso depende, exactamente, dos principais objetivos do Plano Pastoral Diocesano, que falam, nomeadamente este ano, da promoção da consciência de pertença. Ora, muitas das nossas paróquias, e as pessoas que localmente interpretam a missão da paróquia, como os conselheiros económicos e outros, algumas delas não terão suficientemente aprofundada essa consciência de pertença, e outras vezes, quando a têm, têm-na por excesso, neste sentido: assim como o cidadão ocupa uma fatia da administração do seu trabalho e do seu dinheiro em vista de “fazer um bom plano fiscal”, como dizem os contabilistas, que às vezes pode ter algum condimento de fuga ao fisco, assim podemos padecer também disso dentro da Igreja. Na Igreja não existe propriamente um fis-

co com a dimensão e a rede fina do do estado, mas existe um sistema de vasos comunicantes, de partilha dos bens, porque somos todos um corpo, em relação ao qual nem sempre as pessoas estão disponíveis. Às vezes é difícil para os comissários das capelas, para os conselhos económicos..., perceberem isto e vêem na diocese, no Bispo, “um papão que está lá a levar-lhes os bens até ao osso”, em vez de verem o seu dever de partilhar entre todos, porque todos somos do mesmo corpo. Por isso, quanto mais houver consciência de pertença e de colaboração, mais fácil é ajudarmo-nos todos uns aos outros. Claro, isso depois requer transparência, honestidade, de parte a parte, de todas as partes.

E que outros campos valorizaria na caminhada pastoral diocesana?

Pessoalmente, tenho a perceção de que neste momento é vital na diocese de Coimbra o desenvolvimento e o aprofundamento da inter-paroquialidade, de modo a que as paróquias se ajudem umas às outras, como Unidades Pastorais, como agora se chamam, mais largas ou menos largas. Esta rede de inter-paroquialidade é vital. E não é só por causa da falta de padres; também é, porque é mais acessível manter o atendimento espiritual e pastoral das paróquias com menos padres se houver essa inter-paroquialidade do que se não houver. Mas, além disso, há a necessidade de trabalharmos todos em conjunto, os fiéis mais comprometidos na acção explícita da Igreja porque, complementando-nos uns aos outros, fazemos mais e melhor. Podemos descobrir, assim, mais facilmente a alegria de sermos cristãos e, por sua vez, a alegria de sermos cristãos e de partilhar a fé também nos ajudará a melhor construir essa inter-paroquialidade. que nos leva a sair mais para fora da Igreja; é uma relação biunívoca. Se a Igreja não servir para defender o humanismo verdadeiro, não serve para nada. Nós actualmente estamos numa encruzilhada: se a mensagem cristã teve tanta importância ao longo de 2.000 anos para a conformação dum humanismo verdadeiro, no início do 3º milénio, por aquela inversão cultural a que nos referíamos, estamos num risco grande, porque se trata de uma inversão com uma força tentacular a nível global. Portanto, para continuarmos a apresentar uma visão da pessoa humana grande, elevada, como o Evangelho no-la inspirou, temos que ser alegres e decididos nisso e só assim é que podemos ser úteis a este mundo. De maneira que a causa da evangelização coincide com isso e depende muito de nos sabermos completar e amparar uns aos outros na vida das paróquias. É muito difícil uma paróquia saber fazer bem tudo o que é preciso para evangelizar.

6 Liturgia

MISSA DE CINZAS
Dia 10 de fevereiro, 19h00
na Sé Nova, presidida pelo Bispo de
Coimbra, D. Virgílio Antunes
www.correiodecoimbra.pt



Palavra de Deus

DOMINGO I DA QUARESMA
14 de fevereiro de 2016



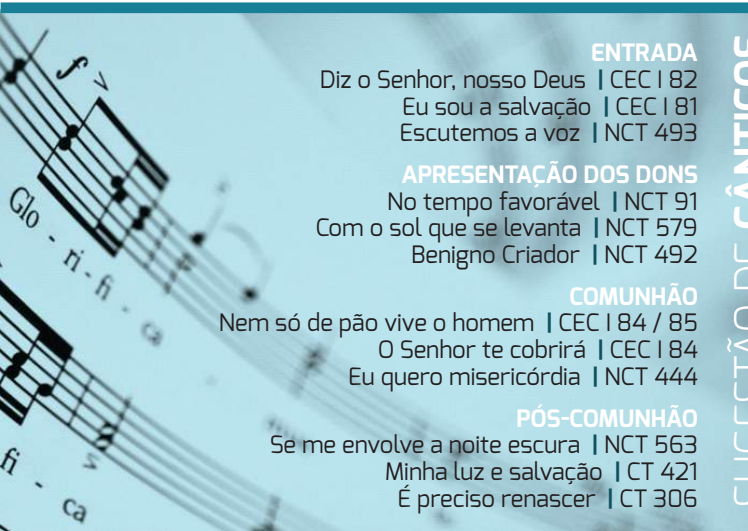
LEITURA DO LIVRO DO DEUTERONÓMIO Deut 26, 4-10
Moisés falou ao povo, dizendo: «O sacerdote receberá da tua mão as primícias dos frutos da terra e colocá-las-á diante do altar do Senhor teu Deus. E diante do Senhor teu Deus, dirás as seguintes palavras: ‘Meu pai era um arameu errante, que desceu ao Egito com poucas pessoas, e aí viveu como estrangeiro até se tornar uma nação grande, forte e numerosa. Mas os egípcios maltrataram-nos, oprimiram-nos e sujeitaram-nos a dura escravidão. Então invocámos o Senhor Deus dos nossos pais e o Senhor ouviu a nossa voz, viu a nossa miséria, o nosso sofrimento e a opressão que nos dominava. O Senhor fez-nos sair do Egito com mão poderosa e braço estendido, espalhando um grande terror e realizando sinais e prodígios. Conduziu-nos a este lugar e deu-nos esta terra, uma terra onde corre leite e mel. E agora venho trazer-Vos as primícias dos frutos da terra que me destes, Senhor’. Então colocarás diante do Senhor teu Deus as primícias dos frutos da terra e te prostrarás diante do Senhor teu Deus».

SALMO RESPONSORIAL Salmo 90
Refrão: **Estai comigo, Senhor, no meio da adversidade.**

LEITURA DA EPISTOLA AOS ROMANOS Rom 10, 8-13
Que diz a Escritura? «A palavra está perto de ti, na tua boca e no teu coração». Esta é a palavra da fé que nós pregamos. Se confessares com a tua boca que Jesus é o Senhor e se acreditares no teu coração que Deus O ressuscitou dos mortos, serás salvo. Pois com o coração se acredita para obter a justiça e com a boca se professa a fé para alcançar a salvação. Na verdade, a Escritura diz: «Todo aquele que acreditar no Senhor não será confundido». Não há diferença entre judeu e grego: todos têm o mesmo Senhor, rico para com todos os que O invocam. Portanto, todo aquele que invocar o nome do Senhor será salvo.

ACLAMAÇÃO ANTES DO EVANGELHO MT 4, 4B

EVANGELHO SEGUNDO SÃO LUCAS Lc 4, 1-13
Naquele tempo, Jesus, cheio do Espírito Santo, retirou-Se das margens do Jordão. Durante quarenta dias, esteve no deserto, conduzido pelo Espírito, e foi tentado pelo Diabo. Nesses dias não comeu nada e, passado esse tempo, sentiu fome. O Diabo disse-lhe: «Se és Filho de Deus, manda a esta pedra que se transforme em pão». Jesus respondeu-lhe: «Está escrito: ‘Nem só de pão vive o homem’». O Diabo levou-O a um lugar alto e mostrou-Lhe num instante todos os reinos da terra e disse-Lhe: «Eu Te darei todo este poder e a glória destes reinos, porque me foram confiados e os dou a quem eu quiser. Se Te prostrares diante de mim, tudo será teu». Jesus respondeu-lhe: «Está escrito: ‘Ao Senhor teu Deus adorarás, só a Ele prestarás culto’». Então o Diabo levou-O a Jerusalém, colocou-O sobre o pináculo do templo e disse-Lhe: «Se és Filho de Deus, atira-Te daqui abaixo, porque está escrito: ‘Ele dará ordens aos seus Anjos a teu respeito, para que Te guardem’; e ainda: ‘Na palma das mãos te levarão, para que não tropeces em alguma pedra’». Jesus respondeu-lhe: «Está mandado: ‘Não tentarás o Senhor teu Deus’». Então o Diabo, tendo terminado toda a espécie de tentação, retirou-se da presença de Jesus, até certo tempo.



ENTRADA
Diz o Senhor, nosso Deus | CEC | 82
Eu sou a salvação | CEC | 81
Escutemos a voz | NCT 493

APRESENTAÇÃO DOS DONS
No tempo favorável | NCT 91
Com o sol que se levanta | NCT 579
Benigno Criador | NCT 492

COMUNHÃO
Nem só de pão vive o homem | CEC | 84 / 85
O Senhor te cobrirá | CEC | 84
Eu quero misericórdia | NCT 444

PÓS-COMUNHÃO
Se me envolve a noite escura | NCT 563
Minha luz e salvação | CT 421
É preciso renascer | CT 306

SUGESTÃO DE CÂNTICOS

ESPIRITUALIDADE

Tudo n’Ele fala de misericórdia

João Paulo Fernandes



No início da Bula de proclamação do Ano da Misericórdia, o Santo Padre afirmou que “com a sua palavra, os seus gestos e toda a sua pessoa, Jesus de Nazaré revela a misericórdia de Deus”. E no número 8 aprofundava: “Com o olhar fixo em Jesus e no seu rosto misericordioso, podemos individuar o amor da Santíssima Trindade. A missão, que Jesus recebeu do Pai, foi a de revelar o mistério do amor divino na sua plenitude. «Deus é amor» (1 Jo 4, 8.16): afirma-o, pela primeira e única vez em toda a Escritura, o evangelista João. Agora este amor tornou-se visível e palpável em toda a vida de Jesus. A sua pessoa não é senão amor, um amor que se dá gratuitamente. O seu relacionamento com as pessoas, que se abeiram d’Ele, manifesta algo de único e irrepetível. Os sinais que realiza, sobretudo para com os pecadores, as pessoas pobres, marginalizadas, doentes e atribuladas, decorrem sob o signo da misericórdia. Tudo n’Ele fala de misericórdia. N’Ele, nada há que seja desprovido de compaixão.”

Nos últimos artigos, aprofundámos essa mesma realidade através da sua própria vida, do seu mistério da encarnação e redenção, observado como um todo, para nossa salvação! Jesus revela a misericórdia divina também com os gestos, palavras e obras... pois n’Ele nada há que

seja desprovido de misericórdia! Eis o percurso que iniciamos hoje, observando alguns dos Evangelhos que escutamos aos Domingos, deste ano litúrgico! Em Nazaré, Jesus deu início à sua missão salvífica, aplicando a Si as palavras do profeta, como nos refere o evangelista Lucas: «O Espírito do Senhor está sobre mim, porque me ungiu para anunciar a Boa-Nova aos pobres; enviou-me a proclamar a libertação aos cativos e, aos cegos, a recuperação da vista; a mandar em liberdade os oprimidos, a proclamar um ano favorável da parte do Senhor» (4, 18-19). E em Caná (cf. Jo 2,1-11), onde se realiza o primeiro milagre a pedido de Maria, manifestam-se também os traços que definirão toda a ação de Jesus que é misericórdia: é Aquele que socorre e que salva, que traz a alegria plena! No centro do banquete das bodas de Caná, está Jesus misericordioso que realiza o sinal; provocado pela sua Mãe atenta e providente, que tomou conta da dificuldade e a apresentou a quem lhe podia dar resolução! E Jesus não rejeitou esse pedido. A intervenção e intercessão de Maria revela-nos que, como seu Filho, o seu coração é cheio de misericórdia e de ternura! Maria a “Cheia de Graça” é a “Cheia de Misericórdia” que consola os necessitados! Maria – diz o Santo Padre – faz-nos experimentar a consolação, pela qual

o apóstolo Paulo bendiz a Deus: «Bendito seja Deus e Pai de Nosso Senhor Jesus Cristo, o Pai das misericórdias e o Deus de toda consolação! Ele nos consola em toda a nossa tribulação, para que também nós possamos consolar aqueles que estão em qualquer tribulação, mediante a consolação que nós mesmos recebemos de Deus. Na verdade, assim como abundam em nós os sofrimentos de Cristo, também, por meio de Cristo, é abundante a nossa consolação» (2 Cor 1, 3-5). Maria é a Mãe «consolada», que consola os seus filhos.”

Mas no episódio de Caná, temos também aqueles que são chamados «serventes» que ouviram a recomendação de Maria: «Fazei o que Ele vos disser» (Jo 2, 5). Jesus realizou o sinal, mas quis servir-Se da ajuda humana para realizar o prodígio; uniu-os à realização do sinal. Jesus antes de transformar a água em vinho já tinha transformado os seus corações, fazendo-os semelhantes ao Seu que «não veio para ser servido, mas para servir» (Mc 10, 45). Contemplando o episódio de Caná, peçamos a Jesus misericordioso, pela intercessão de Maria, que nos conceda a todos esta disponibilidade para ser testemunhas do seu amor e ternura, transformando sempre a água da nossa vida em vinho bom! Para que na nossa vida também tudo fale de misericórdia!

NEM SÓ DE PÃO | COMENTÁRIO À LITURGIA DOMINICAL

«A palavra está perto de ti, na tua boca e no teu coração»

João Pedro Silva



As leituras de hoje falam-nos sobre as tentações e a forma de podermos lidar com elas.

Por tentações entende-se: aquilo que sabemos ser mal, mas mesmo assim às vezes nos atrai imenso (retribuir com violência uma ofensa); ou aquilo que tem aparência de bem, mas depois se vem a revelar como um mal (comer guloseimas em demasia). Tentações, na vida, teremos sempre muitas. São uma realidade na nossa vida, particularmente se ela passa pela aridez (típica do deserto, mas também da falta de frescura no dia a dia). As leituras de hoje apresentam-nos alguns exemplos: no desafio a transformar as pedras em pão, a tentação da riqueza; no desafio a lançar-se do pináculo abaixo, a tentação do sucesso; no desafio a prostrar-se diante do demónio, a tentação do poder. Mais impor-

tante, porém, é a resposta que damos às tentações, a resposta que Jesus lhes deu.

A cada tentação, Jesus diz “não”. Diz vários “nãos” porque há um “sim” sempre maior e mais belo adiante de cada “não”. O sim de quem acredita em Deus e nEle se confia. O sim de quem quer fazer da sua vida a melhor oferta e oração a Deus. Já a primeira leitura nos apresentava a mais antiga profissão de fé do povo de Israel em Deus, um Deus que é fiel às Suas promessas... Quantas vezes balbuciamos um “nim”? Que “nãos” precisamos de dizer para que seja mais claro e feliz o “sim” que expressa o nosso seguimento a Deus?

A cada tentação, Jesus responde ainda com a Palavra de Deus, facto que nos lembra que a Bíblia não é mais uma opinião entre tantas sobre a vida. Em vez de dar ouvidos a outras vozes, Jesus escuta a Pa-

lavra de Deus e deita mão dela. Só essa Palavra lhe merece confiança, só essa Palavra é, para ele, uma «Escritura». Na verdade, às vezes, julgamos que esta Palavra está longe, está muito alta. Mas não. Como nos recorda a segunda leitura, ela está perto. Perto da boca, perto do coração. É preciso aprender a lê-la, a escutá-la. Em muitas situações da nossa vida, sobretudo nas mais difíceis, a Palavra de Deus é como uma bússola, que nos orienta, nos vários desertos da nossa vida.

Hoje, fazemos nossa a oração do salmista «sois o meu refúgio e a minha cidadela: meu Deus, em Vós confio». Se a areia (o deserto) se pode tornar terra fértil com (não muito mais do que) um pouco de água, saibamos encontrar na Palavra a fonte cuja água nos faz perder a secura de tantas palavras, gestos, ou atitudes, e nos renova a capacidade de produzir algo de bom.



ANO SANTO DA MISERICÓRDIA
Peregrinação jubilar
do arciprestado de
Coimbra Sul
 14 de fevereiro

Opinião



PORQUE TAMBÉM ISTO É SER

A minha sorte foi já não haver broa

Antonino Silva

O casamento, para além de ser um dos sacramentos da Igreja Católica, reveste-se, em todas as religiões, com o estatuto de cerimónia maior. No fundo, é um cerimonial que assinala a mudança de estado de dois seres que, considera-se, devem passar a ser um par a longo prazo, se não para a vida toda.

Derivando um pouco deste considerando mais sério, podemos depois encarar a profusão de tradições pré-matrimoniais que florescem em todas as culturas do mundo, constituindo, mesmo, um micro património que, muitas vezes se encontra numa só aldeia e não se repete nas aldeias vizinhas.

Falando um pouco por experiência daquilo que vivi nas quatro últimas décadas do século XX, assisti na minha aldeia a muitos casamentos feitos por culpa do carteiro. Nas guerras nas ex-colónias, muitos soldados tinham partido da Europa solteiros, sem compromisso, e, por isso, procurando no lado de cá do mar uma jovem que correspondesse ao seu afeto, escreviam apenas no sobrescrito “Para entregar à primeira jovem de olhos negros que encontrar”. Quem dizia

“olhos negros” dizia qualquer outra cor, até porque olhos negros são o que por aí menos falta. Ora acontecia que, muitas vezes, o carteiro, perante a solicitação escrita pelo mancebo, usava de artimanha e entregava a carta a uma jovem que cumprisse os quesitos cromáticos, mas que ele também conhecia e sabia de antemão que era pouco requisitada na sua aldeia para os negócios do coração. Carta vai e carta vem, o afeto nascia e muitas destas correspondências no papel passavam mesmo a correspondências no coração e o casamento acontecia. Mais tarde, quando o casal ficava desavindo, mal sabia o marido que podia culpar o carteiro por se ter metido a cupido.

Uma outra tradição, de pendor muito medievalizante, ou mesmo anterior a isso, era o facto de, na aldeia onde eu casei, qualquer jovem vindo de uma outra, antes de poder casar com a sua eleita, teria de pagar aos restantes rapazes casadoiros uma espécie de tributo indemnizatório por ir ‘roubar’ uma jovem ao alfofre, como se fosse uma atenuante da ousa-



dia. Não quero aqui debater a verdadeira origem da tradição (na pior das hipóteses estaria perante a mulher concebida como mercadoria), mas o custo era uma pilha de grandes broas de pão de milho amarelo da altura do noivo e um almude dos grandes de vinho tinto, ou seja, 25 litros. A carne ou sardinha lá haveria de aparecer, a custo de alguém.

Mais tarde, a tradição extinguiu-se e não sei se foi sinal dos tempos ou tão-somente porque em vez de broa de milho amarelo já só se comiam papos-secos e os rapazes preferiam cerveja e coca-cola ao vinho. Foi a minha sorte, quando casei.



Testemunha da Vulgata

António Borges de Carvalho

O meu amigo e conterrâneo Coronel Arménio da Silva Vitória, distinto oficial da G.N.R./Guarda Fiscal, aposentou-se carregado de méritos. Tinha a sua espada reluzente e valiosa que o acompanhou na brilhante ascensão da sua carreira militar.

Não tendo descendentes diretos decidiu dar à sua espada o melhor destino. Pensando bem resolveu oferecê-la, durante uma cerimónia íntima e simples na presença de meia dúzia de amigos ao seu conterrâneo e oficial como ele na G.N.R. Tenente-Coronel Albino Fernandes Quaresma Tavares, natural do Pisão (coja).

Esta a notícia que me chegou e me impressionou, direi mesmo me comoveu. Um gesto simbólico de tão alto desprendimento revela bem o carácter do amigo Arménio.

Eu gostava de trazer ao de cima casos tão impressionantes como este para reparar as injustiças que à nossa volta valorizam só atos de rosto negativo, até mesmo desconcertante como se o nosso mundo fosse apenas um manto de trevas e de acontecimentos gritantes na relação entre os humanos.

Mais do que os objetos valiosos que se oferecem e que são sinal muito forte de despojamento e profunda generosidade, toca-nos, bem fundo, a oferta de irmãos, de filhos que pais e familiares aceitam e até mesmo estimulam quanto à entre-

ga pessoal de seus filhos ao serviço de Deus e da Igreja. A doação dos próprios é motivo de felicidade e de contentamento para quem os acompanha na sua doação.

Eu vivi há pouco uma situação parecida que longe de me levar a qualquer ponta de vaidade me irmana no gesto do meu amigo Coronel Arménio Vitória. Há cerca de 40 anos veio-me parar às mãos um precioso livro – uma Bíblia. Foi um grupo de pedreiros amigos que ao destruírem um casebre em determinada aldeia a encontraram escondida numa parede. Não sei como, mas terá sido alguém que, com medo das invasões, tentou salvar a Palavra de Deus.

Agora que caminho também para o meu fim, interrogo-me sobre o destino a dar a este precioso livro que data de 1549; Assim mesmo:

M. D. XLIX. ! Nesse sentido já abordei o distinto Prof. Doutor Manuel Augusto Rodrigues que me elucidou sobre a melhor decisão a tomar. Aceitei-a com agrado e decidirei segundo o seu conselho. Esta Bíblia é anterior ao Concílio de Trento e portanto antes da edição da Vulgata, o único texto aprovado pelo Concílio.

Por tudo isto, caro Arménio, não fiz mais do que tu fizeste! Além de amigos somos irmãos no mesmo gesto, bem significativo e da tua parte bem corajoso! De resto, S. Paulo apresenta-se empunhando a **Espada da Palavra!**

SOCIEDADE & CULTURA

As leituras da Bíblia de Frederico Lourenço

Martinho Soares



Nas primeiras páginas do Livro Aberto: *Leituras da Bíblia* (Lisboa: Cotovia, 2015), Frederico Lourenço relata-nos o caso de um jovem amigo, católico extremamente empenhado nas atividades da paróquia, que um dia lhe confidenciou nunca ter lido a Bíblia. É bem verdade que a maioria dos católicos conhece pouco a Bíblia, restringindo o seu contacto com a Sagrada Escritura ao best of das leituras dominicais. Mesmo aqueles que têm por hábito passar os olhos pelos seus textos, fazem-no, muitas vezes, de olhar anestesiado, com pouco sentido crítico ou estético, passando com a mesma insensibilidade por cima da rara beleza do *Cântico dos Cânticos* e do catálogo de atrocidades patente nos *Números*.

Frederico Lourenço, confesso não crente, admite fazer uma leitura puramente literária e racional da Bíblia, pela qual nutre uma enorme admiração e fascínio. O autor, especialista em línguas clássicas e reputado tradutor de algumas das

mais importantes obras da cultura grega antiga, lê diretamente a partir do grego, usando a versão dos LXX para o Antigo Testamento e o texto original para o Novo. No A.T. saltam-lhe à vista desconcertantes paradoxos, episódios de extrema violência e fanatismo, o retrato de um deus mesquinho, autoritário, ciumento e violento, feito à medida das ambições político-ideológicas de um povo em busca de predomínio territorial e religioso. No N. T., embora reconheça a revolução mental trazida por Jesus Cristo, continua a deparar com passagens que fomentam intolerância, antisemitismo, ou a diabolização da sexualidade, mostrando simpatia moderada por S. Paulo ou mesmo por Maria, cujo culto considera excessivo e sem fundamento bíblico. Nos dois blocos, foca ainda questões de crítica textual, que se prendem com a autoria, a data e a formação dos textos, encontra discrepâncias inconciliáveis entre os evangelistas, assinala erros históricos, traduções de conveniência

e episódios caricatos. Critica, por um lado, a manipulação dos factos da vida de Jesus para os fazer coincidir com as profecias do Antigo Testamento, e, por outro, as leituras acomodáticas, com base em interpretações alegóricas e metafóricas de algumas passagens propositadamente escolhidas pela Igreja como forma de caucionar ou dar sustentabilidade teológica a muitos dos seus dogmas.

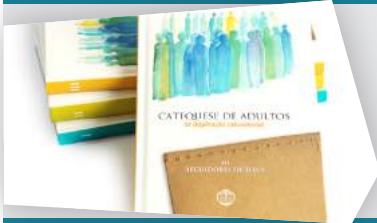
Nada disto é novidade. Qualquer uma das questões levantadas por Frederico Lourenço mói a cabeça de teólogos, biblistas e exegetas há décadas. Produziram-se (e continuam a produzir-se) estudos extensíssimos sobre estas matérias, sem que se alcancem grandes consensos. Então, a que se deve o sucesso deste livrinho, composto por 25 crónicas breves, que já vai na segunda edição em pouco mais de dois meses e não para de fazer furor em todo o lado: na comunicação social, em eventos académicos, nas redes sociais (onde o livro começou a surgir em forma de crónicas diárias de elevadíssima repercussão)? Frederico Lourenço faz o que poucos teólogos e especialistas conseguem: comunicar com o grande público. O distinto professor da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra é um erudito, e ao mesmo tempo um excelente comunicador: a sua linguagem é simples e objetiva; a

argumentação é clara, concisa e muito bem estruturada; o assunto, que tinha tudo para ser denso e enfadonho, torna-se fascinante; o tom é amiúde irónico e jocoso, suscitando o riso e a boa disposição; a exposição das ideias é muito clara e convincente, frequentemente confrontada com alguma bibliografia de referência (como a Oxford Bible Commentary). O livro lê-se com sofreguidão. E, pesem embora alguns desequilíbrios que adiante enunciaremos, todos ganham com esta leitura, na medida em que se sentirão, pelo menos, atraídos para abrir a Bíblia. Os cristãos ver-se-ão confrontados com algumas das maiores fraquezas do seu Texto antonômástico, mas, consequentemente, percecionam a necessidade de mais humildade, espírito crítico e conhecimento, contra a absolutização de qualquer livro ou religião.

A leitura de Frederico Lourenço é perfeitamente legítima, posto que a Bíblia se trata, como o próprio inscreve no título, de um livro aberto, acessível a crentes e a não crentes. Longe vão os tempos em que a hierarquia eclesial entendia deter o monopólio hermenêutico do texto sagrado, atitude contra a qual se insurgiu Lutero, dando origem ao conhecido cisma. Resta saber se o persistente afastamento dos católicos da Bíblia não se deve ainda a reminiscências deste interdito

medieval. E, no entanto, embora a leitura do ilustre classicista sirva a cultura geral, não alcança a mesma amplitude no Cristianismo, pois que qualquer exegese bíblica deve contemplar sempre três dimensões: a literária, a histórico-científica e a teológica. Pelo menos esta última está totalmente fora do campo de análise do autor, em coerência com as suas convicções (ou falta delas), e, por isso, não merece censura. Mas nenhuma exegese se esgota na filologia. Ademais, para um cristão, a Bíblia não é um fim, é o meio. O cristianismo não é uma religião do livro, é a religião de um Homem, Jesus Cristo. O critério para a Bíblia é Jesus Cristo e o Evangelho. E, sim, Frederico Lourenço tem razão, se só pudéssemos ter um dos 73 livros, bastava-nos o Evangelho de S. João. Talvez tudo o resto se pudesse descartar (perdoem-me a blasfémia) sem desvirtuar a essência do Cristianismo.

Pena é que o autor foque tanto o *fait divers*, o anedótico, o chocante, o contraditório, o supersticioso, o artificioso (que lá estão inevitavelmente), e não empregue a mesma energia ou espaço a sublinhar o inverso, que se estende por tantas outras páginas luminosas profundamente libertadoras e humanizadoras e que estão na base de alguns dos valores fundamentais da cultura ocidental.



CATEQUESE DE ADULTOS
Ja saiu o terceiro volume do catecismo

Pedidos no Centro Pastoral ou através de email:
idc.institutocomunicacao@gmail.com

Última



DESDE ROMA

PRIMEIRA AUDIÊNCIA JUBILAR

Papa diz que todo o cristão deve ser um Cristóforo



De entre as atividades do Ano Santo da Misericórdia, têm particular relevo as audiências jubilares, que o Papa Francisco resolveu fazer no último domingo de cada mês, na Praça de S. Pedro. Da curta catequese do Papa, evidencia-se esta passagem: “Existe uma estreita ligação entre a misericórdia e a missão: a Igreja tem uma vida autêntica quando professa e proclama aos homens a misericórdia de Deus. De fato, quando recebemos uma bela notícia, quando experimentamos uma alegria, é natural que

tenhamos o desejo de transmiti-la aos outros. Por isso, como aconteceu com os primeiros discípulos, o sinal concreto de que realmente encontramos Jesus é que experimentemos a alegria de querer comunica-lo a quem está ao nosso redor. Todo o cristão deve ser um Cristóforo, um portador de Cristo, pois a misericórdia que recebemos do Pai, em Cristo, não nos é dada como uma consolação privada, mas nos chama a sermos instrumentos para que outras pessoas também possam receber este dom”.

11 DE FEVEREIRO, DIA DO DOENTE

Papa convida a ver em Maria um ícone da Igreja

As bodas de Caná, e a figura de Maria nas mesmas, são o texto bíblico escolhido como referência pelo Papa Francisco para a sua mensagem para o Dia do Doente deste ano, que vamos celebrar a 11 de fevereiro, e que terá o seu centro de celebração mundial em Jerusalém. “Em Caná - diz o Papa - manifestam-se os traços distintivos de Jesus e da sua missão: é Aquele que socorre quem está em dificuldade e passa necessidade”.

E também nós “nesta Jornada Mundial do Doente, podemos pedir a Jesus misericordioso, pela intercessão de Maria, Mãe d’Ele e nossa, que nos conceda a todos a mesma disponibilidade ao serviço dos necessitados e, concretamente, dos nossos irmãos e irmãs doentes”. Entre nós, o Dia do Doente é celebrado em muitas comunidades e em muitos equipamentos sociais com idosos e doentes.

VIDA CONSAGRADA

Santo Padre pede proximidade com as pessoas

O Ano da Vida Consagrada, que começou em 29 de novembro de 2014, teve como tema ‘A Vida Consagrada na Igreja hoje: Evangelho, Profecia, Esperança’ e tinha 3 grandes objetivos: “Fazer memória agradecida do passado”, “viver o presente com paixão” e “abraçar

o futuro com esperança”. Ao encerrar o ano, no Vaticano, no dia 1 de fevereiro, o Papa Francisco sublinhou que ser consagrado não serve para subir na “escala social”, que faz olhar os outros de longe, mas sim para “levar à proximidade com as pessoas”.

DIA DA MEMÓRIA

Santo Padre vai visitar campo de Auschwitz

Exatamente no Dia da Memória, que assinala, a 27 de janeiro, o encerramento do campo nazi de concentração e extermínio de Auschwitz, o padre Federico Lombardi deu a conhecer que o Papa Francisco conta visitar o mesmo durante a sua viagem à Polónia por ocasião da Jornada Mundial

da Juventude, em julho. Na celebração do Dia da Memória, a sede da Rádio Vaticano esteve em conversa com um dos poucos sobreviventes do holocausto ainda vivos. O porta-voz do Vaticano falou ainda à Rádio Vaticano sobre o livro de Alberto Mieli, um sobrevivente do Holocausto, “Éramos

judeus. Esta era a nossa culpa”, que depois de 70 anos conta para a sobrinha Ester, a terrível experiência da deportação. O diretor da Sala de Imprensa do Vaticano também expressou sua “emoção” pelo fato de que o Dia da Memória tenha sido celebrado “em uma casa do Vaticano”, na sede da estação de rádio, “juntamente com um dos poucos sobreviventes do extermínio”. Por fim, recordou os três discursos pronunciados pelos Papas João Paulo II e Bento XVI na memória do Shoah de Jerusalém, Yad Vashem e Auschwitz.

HASSAN ROUHANI

Papa recebeu o Presidente do Irão

O Papa Francisco recebeu em audiência, no dia 26 de janeiro, o Presidente do Irão, Hassan Rouhani, que volta a comerciar com a Europa depois de sofrer muitos anos de embargo diplomático e comercial do ocidente. Segundo revela a própria Santa Sé, a conversa versou particularmente o papel geopolítico do Irão (numa das zonas mais violentas do mundo), a luta contra o terrorismo e o diálogo inter-religioso. No entanto, como se viu por episódios tão caricatos como a ocultação das estátuas de nus dos Museus Capitolinos de Roma ou o cancelamento do jantar de Estado com o Presidente francês por causa de ser servido vinho, as dificuldades de relacionamento cultural do Ocidente com o Irão estão para durar, pesem todos os negócios de muitos milhões de euros que foram assinados com alguns países e empresas ocidentais.

UNIDOS PELO AMBIENTE

Francisco recebeu o ator Leonardo DiCaprio

O Papa Francisco recebeu na semana passada Leonardo DiCaprio, num encontro que suscitou a natural curiosidade da imprensa, por Leonardo DiCaprio ser um dos mais importantes atores americanos da atualidade, tendo este ano sido nomeado pela quarta vez para o óscar de melhor ator e tendo finalmente ganho a estatueta dourada com a sua interpretação no filme “The Revenant”. Noutros palcos,

DiCaprio foi também premiado no dia 20 de janeiro pelo Fórum Económico Mundial, em Davos (Suíça), pela sua contribuição para o meio ambiente. A receção do Papa terá tido por base essa identidade comum no combate pelas causas ecológicas. No encontro com Francisco houve troca de presentes, sendo que Di Caprio ainda doou um cheque com dinheiro para a caridade do Papa, sem que tenha sido revelada a quantia.

VISITA AO MÉXICO

Chiapas é profecia

Os líderes religiosos do México chamam a atenção para que a viagem de Francisco a Chiapas (15 de fevereiro) não é um acontecimento folclórico, mas um gesto profético, pois os povos indígenas continuam “sujeitos aos caprichos políticos e às manobras dos líderes que aviltam as suas lutas e aspirações”, e “o desenvolvimento da região, em vez de ser encorajado, é submetido aos ditames neoliberais.”

PALAVRA DO DIRECTOR

Depois de duas edições que tiveram grande adesão do público, nomeadamente entre os fiéis católicos, o Vaticano lançou, a 2 de Fevereiro, uma nova série da lotaria de beneficência para ajudar muitas obras de caridade promovidas em nome e com a bênção do Papa. Cada bilhete tem o custo de dez euros e os prémios são mais do que especiais, pois se trata de objectos que foram oferecidos ao Papa e ele agora põe a render para poder sustentar obras sociais e de caridade. Recorde-se que nas duas edições anteriores foram premiados doze “apostadores”, entre os quais um foi brindado com um automóvel e outro com um belo relógio, cujo maior valor é terem pertencido ao Papa Francisco.

De facto, mais que o valor dos prémios que, para uma lotaria normal, se poderiam considerar relativamente modestos, o que se realça é o facto de estes serem sempre considerados como uma oferta, como uma recordação do Papa, a que se pode acrescentar como escreve Mons. Ravelli, da Esmolária Apostólica, “a alegria de ter partilhado um pouco de amor” com os mais pobres e desprotegidos.

Nesta terceira edição da lotaria não são conhecidos ainda os prémios, mas sabe-se que o valor arrecadado vai servir para prestar serviços de acolhimento a refugiados e sem abrigo, por decisão do próprio Papa.

A caridade é inventiva, havendo sempre um imenso campo aberto para arranjar formas de motivar os que mais têm a abrirem o coração à partilha generosa com os mais pobres deste mundo. Muitas iniciativas têm sido tomadas, um pouco por toda a parte, para angariar fundos para as mais diversas obras de caridade. Hospitais, escolas, lares, orfanatos e muitas outras estruturas colocadas ao serviço dos mais débeis têm passado do sonho à realidade através da participação caritativa de homens e mulheres de coração generoso e aberto aos problemas alheios.

Por isso, a “lotaria do Papa”, como já lhe temos ouvido chamar, não é propriamente uma novidade. O que é novo e chama a atenção é o facto de ser o Papa Francisco a desfazer-se voluntariamente de algumas ofertas, valiosas pelo menos pelo seu simbolismo e afectividade, para incentivar os “apostadores” a um gesto de partilha. Em ano jubilar da Misericórdia, também isto pode ter alguma ligação com o cumprimento das obras de misericórdia. Das corporais e das espirituais, umas e outras agradáveis Àquele que é “rico em misericórdia”.

A. Jesus Ramos